

RELAÇÃO ENTRE AS DIMENSÕES ANTROPOLÓGICA E TEOLÓGICA DA RELIGIÃO (Notas breves)

**Talvez estas reflexões sejam um bom exemplo do que seja
ver por espelho, em enigma...**

Creio que de uma perspectiva antropológica — e estou pensando não só na antropologia cultural, mas também nas várias ciências do homem, da psicoanálise à sociologia — é possível e necessário afirmar duas coisas:

Primeiro — Citando Feuerbach, “a diferença essencial entre o homem e o animal é que o homem faz religião, e o animal não”. Nas mesmas linhas, Durkheim vai sugerir que não só a sociedade como também a própria razão humana (que muito tempo foi considerada a diferença específica do gênero homem) têm as suas origens na religião. Minha preocupação fundamental, na abordagem antropológica da religião, tem sido destacar este fenômeno. Isto nos possibilitaria ver na religião uma expressão da

Embora a linguagem religiosa pareça ser uma janela, é na realidade um espelho.

essência, e portanto da *normalidade humana*, ao invés de localizá-la na faixa da patologia ou da falsa consciência, como se tem comumente feito. Assim, é necessário afirmar: o homem *faz religião*. Note que o grifo está nas duas últimas palavras.

Segundo — Fazendo a mesma afirmação, mas agora com o grifo no sujeito: *o homem faz religião*. Que significa esta diferença? É simples. De uma perspectiva antropológica, o sujeito da religião é o homem. Muito embora a religião contenha mitos cosmogênicos e mitos escatológicos, muito embora ela se refira a deuses e demônios, muito embora a sua linguagem pareça apontar para realidades que estão *lá fora*, uma hermenêutica antropológica exige que traduzamos tais símbolos como tendo uma *significação humana*. Em outras palavras: muito embora a linguagem religiosa pareça ser uma janela, ela

é na realidade um espelho. Ver, a este respeito, o meu artigo *Deus Morreu — Viva Deus*, em que aplico a hermenêutica antropológica ao fenômeno religioso.

Assim, a antropologia *afirma* radicalmente a religião, como fenômeno humano, mas *nega* o objeto a que ela se refere, i. e. Deus. Daí, Feuerbach afirmar, que o segredo da religião, por ser um desvendar do coração do homem, é um radical ateísmo.

Digamos de uma forma mais branda: a antropologia não pode, *dentro dos limites de sua validade*, falar sobre Deus. Assim, o ateísmo antropológico não é uma expressão de orgulho — ou seja, de haver descoberto a chave do universo, mas antes uma expressão de humildade. Ela trabalha com fenômenos humanos, e por isto ela não tem permissão para divinizá-los.

Na antropologia, as mais variadas formas do fenômeno religioso, em todas há uma verdade humana. Qual delas é a verdade?

A transição das verdades históricas, relativas e precárias para uma verdade eterna só se dá por um ato de fé.

Isto dito, demos um passo à frente: não creio ser possível, portanto, *a partir dos dados antropológicos*, construir a fé. Na antropologia encontramos-nos diante das mais variadas formas de fenômeno religioso — e todos eles contêm uma verdade humana — são *revelações* do homem. A pergunta “qual delas é a verdade?” não pode ser levantada nos limites antropológicos.

Esta indefinição ou equidistância do antropólogo frente ao fenômeno religioso, entretanto, não deixa de ser uma certa falsificação de sua própria condição existencial como ser humano. A personalidade é uma estrutura organizada em torno de certos *centros emocionais* que, muito embora saibamos ser teórica e abstratamente relativos, *funcionam* realmente, em nossa experiência existencial, como *absolutos*. É isto que Kierkegaard de-

nominou de “paixão infinita” e Tillich de “absolute concern”. Este centro emocional, não importa que nome lhe demos — de valor, filosofia, ideologia, deus — realmente é o objeto de nossa devoção última, e, portanto, o nosso Deus. Temos, então, diante de nós, uma contradição. Teoricamente, no campo da antropologia, podemos falar no relativismo de todas as religiões; trabalhamos como se todas fossem meras construções simbólicas de grupos humanos ou de indivíduos. Praticamente, ou seja, no campo existencial, comportamo-nos como se os nossos valores — os nossos deuses — tivessem uma validade absoluta. Como resolvê-la Não creio que seja possível. A questão foi muito bem colocada por Kierkegaard: “Como poderemos nós, por meio de verdades históricas, e portanto relativas e precárias, chegar a uma verdade eterna?”

A linguagem teológica não é de certezas científicas (teologia tradicional). Deus não é uma certeza que posso cavalgar, um gancho onde posso me dependurar.

O que mede a profundidade da fé não é a certeza de um Deus objeto, mas a paixão por um Deus que revela.

Como chegar ao infinito atavés da soma de finitos?" A transição só se dá por um ato de fé.

Após uma aula sobre a religião, sob uma perspectiva antropológica, uma aluna me propôs a seguinte questão: "Que pode o senhor nos dizer sobre a existência de Deus?" Esta pergunta resume todo o problema. Minha resposta: "Eu *espero* que Deus exista". A linguagem teológica não é uma linguagem de certezas científicas como a teologia tradicional pretendeu. Deus é um *objeto* de conhecimento. A este respeito, acho difícil ir além de Kant. Digamos de outra forma: Deus não é uma certeza que posso cavalgar, um gancho suspenso nos abismos metafísicos onde posso me dependurar para assim escapar a toda ambigüidade da existência humana. Deus é um objeto de esperança — e como Paulo diz, só esperamos aquilo que não vemos (Rom. 8). "Agora vemos obscuramente, em enigmas". O que a antropologia nos revela são, talvez, os "palpites" dos homens acerca deste horizonte de esperança,

seus vislumbres de uma *possibilidade* — mas nunca a visão face a face da realidade última. Pode-se alegar que isto enfraquece tremendamente as pretensões da teologia. Não creio. Ao contrário, penso que aqui descobrimos as suas verdadeiras dimensões. O objeto da teologia, Deus, não pode ser apreendido num ato cognitivo — como apreendemos uma árvore ou uma estrutura física — mas antes num ato de amor, de paixão infinita. O que mede a profundidade da fé não é a certeza do conhecimento de um objeto Deus que se apresenta ao intelecto, mas antes a paixão por um Deus que se esconde do intelecto, e que se revela como uma nuvem que vai adiante de nós, sempre para além das categorias da razão, arrastando-nos para novos horizontes de humanidade.

Rubem A. Alves

O autor sugere a leitura do último capítulo de seu livro "A Theology of Human Hope" e do artigo "Deus morreu — Viva Deus" (do livro "Liberdade e Fé, Tempo e Presença Editora).